

Marcela Almeida Zequinão¹
Pâmella de Medeiros²
Jorge Luiz da Silva³
Grace Skrzypiec⁴
Maria Teresa Ceron Trevisol⁵
Luis Lopes⁶
Beatriz Pereira⁷

Vitimização pelo bullying em três países: um estudo transcultural

Bullying Victimization in three Countries: a cross-cultural study

RESUMO

Objetivo: Determinar a prevalência de vitimização por *bullying* e possíveis associações com o contexto sociocultural e o sexo de crianças e adolescentes da Austrália, Brasil e Portugal. **Métodos:** trata-se de um estudo transversal e transcultural, com 377 participantes (média de idade = 11,42; DP = 0,6), que responderam a uma pergunta sobre a participação em *bullying* enquanto vítima. **Resultados:** a maior porcentagem de vitimização por *bullying* foi encontrada nos participantes brasileiros, enquanto a menor foi encontrada entre os portugueses. O *bullying* verbal foi a agressão mais frequente. Variações na vitimização não foram associadas ao país de origem, à rede educacional ou ao sexo dos participantes. **Conclusão:** esses resultados indicam que pode haver um possível padrão de comportamento entre os envolvidos nesse fenômeno, e aponta que outras características individuais podem provavelmente contribuir para que crianças e adolescentes se tornem mais facilmente visados pelos agressores, independente das variáveis culturais e sociais analisados neste estudo e do sexo dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE

Bullying; Comparação Transcultural; Assédio não Sexual.

ABSTRACT

Objective: Determine the prevalence of bullying victimization and possible associations with the social-cultural context and sex of children and adolescents from Australia, Brazil, and Portugal. **Methods:** this was a cross-sectional and cross-cultural study with 377 participants (average age = 11.42; SD=0.6), who answered one question about your bullying participation while victim. **Results:** the highest percentage of bullying victimization was found in the Brazilian participants, while the

¹Pós-Doutorado em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Doutorado em Estudos da Criança pela Universidade do Minho (UMINHO). Mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Docente pela Departamento de Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, SC, Brasil.

²Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista do programa UNIEDU de Pós-graduação. Mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Docente colaboradora pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, SC, Brasil.

³Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Promoção de Saúde da Universidade de Franca (UNIFRAN). Franca, SP, Brasil.

⁴Flinders University, Education Program – Adelaide. Soth Australia, Austrália.

⁵Doutorado em Psicologia Escolar e do desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente pelo Curso de Mestrado em Educação Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Joaçaba, SC, Brasil.

⁶Doutorado em Estudos da Criança pela Universidade do Minho (UMINHO). Membro do Instituto de Educação da Universidade do Minho (UMINHO). Braga, Minho, PT.

⁷Doutorado em Estudos da Criança pela Universidade do Minho (UMINHO). Docente pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho (UMINHO). Braga, Minho, PT.

Marcela Almeida Zequinão (marcelazequinao@gmail.com) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Departamento de Educação Física. Rua Pascoal Simone, 358, Coqueiros, Florianópolis, SC, Brasil. CEP: 88080-350.

Submetido em 12/03/2019 - Aprovado em 21/07/2019

lowest was found among the Portuguese. Verbal bullying was the most frequent aggression. Variations in victimization were not associated with the country of origin, the educational network or the sex of the participants. **Conclusion:** these results indicate that there may be a possible pattern of behavior among those involved in this phenomenon, and points out that other individual characteristics may probably contribute to children and adolescents becoming more easily targeted by the bullies, independent of the cultural and social variables analyzed in this study, and of the sex of the participants.

KEY WORDS

Bullying; Cross-Cultural Comparison; Harassment, Non-Sexual.

INTRODUÇÃO

Bullying é considerado um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorre sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra um ou outros, causando dor, angústia e terrível sofrimento às vítimas, podendo gerar como consequência diversos bloqueios psicológicos¹. Esses atos violentos acontecem sistematicamente e intencionalmente, todavia, ocorrem de formas sigilosas e despercebidas, não manifestando ações explícitas que possam ser identificadas por terceiros, fazendo com que a vítima não tenha possibilidade de defesa². É também uma estratégia coerciva que visa alcançar e manter altos postos na hierarquia social do grupo³.

Independentemente de ser a causa ou consequência, vários estudos indicam algumas características dos perfis de crianças e adolescentes vítimas de *bullying*. As vítimas desse tipo de violência geralmente constituem um grupo de alunos mais novos, têm poucos amigos, têm menos relações afetivas com o sexo oposto, são passivos, retraídos, aparentemente infelizes, pouco sociáveis, inseguros, sofrem com a vergonha, medo, depressão, ansiedade e são desesperançados quanto à possibilidade de adequação ao grupo⁴. São aqueles que têm piores relações com pares e sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos à sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. De acordo com a literatura, as pessoas com deficiência física e mental, com diferentes orientações sexuais e de gênero, com defeitos congênitos ou adquiridos⁵, ou com sobrepeso, costumam ser as principais vítimas do *bullying*¹.

Esses indivíduos que sofrem vitimização na infância, em curto prazo, são mais propensos ao abandono escolar⁶, podem ter dificuldades nas atividades escolares, ficarem doentes ou indispostos, e terem problemas com o sono.

Em relação aos diferentes tipos de vitimização por *bullying*, destaca-se que esse fenômeno ocorre principalmente de três maneiras: *bullying* físico direto; *bullying* verbal direto; e *bullying* indireto². O *bullying* físico direto envolve ataques abertos à vítima, envolvendo ações individuais ou em grupo contra uma única pessoa, através de ações como socos, empurrões, chutes, cuspes, roubos ou danos as suas propriedades. O *bullying* verbal direto envolve insultos públicos, incluindo xingamentos, provocações, ameaças, apelidos maliciosos, comentários racistas e comentários ofensivos ou humilhantes. O *bullying* indireto se dá pelo isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência, oferecendo desafios para o relacionamento das vítimas com os pares ou prejudicando sua posição social por meio de rumores, ignorando a presença da vítima ou ameaçando outros a não brincarem com elas¹.

Embora as diferenças entre os sexos variem entre os estudos, verificou-se que os homens são mais propensos a se envolverem em *bullying* físico do que as mulheres, que mostram uma maior tendência ao *bullying* relacional⁷. Uma revisão meta-analítica questionou crenças populares sobre diferenças entre homens e mulheres em termos de agressão relacional⁸ e encontrou poucas evidências de que existem diferenças entre os sexos no *bullying*, com exceção do *bullying* físico, onde os achados foram mais robustos⁹.

É importante enfatizar que o *bullying* é um

tipo de violência em que atitudes agressivas decorrentes de ações esporádicas e ocasionais não são suficientes, por si só, para caracterizá-las como tal¹. Há indicações de que existem diferenças entre crianças e adolescentes que experimentam estresse psicossocial episódico por um período limitado de tempo e aqueles a quem a exposição ao estresse é um padrão crônico em suas vidas, uma experiência com efeitos devastadores no desenvolvimento emocional e comportamental dos envolvidos, como é o caso do *bullying*¹. Além disso, Zequinão et al.⁶ também apontam que, para ser considerada assédio moral, a agressão deve ocorrer entre pares e que, embora o fenômeno seja caracterizado como agressão, nem toda agressão é classificada como assédio moral. Assim, antes de classificar um ato de agressão como *bullying*, é preciso verificar algumas características desse fenômeno, como a intenção do agressor de agredir o alvo, a repetição da agressão, a presença de espectadores e a concordância do alvo com o agressor em relação à natureza da ofensa.

Embora a vitimização por *bullying* seja um fenômeno experimentado por jovens em todo o mundo, os pesquisadores questionam se o comportamento entre as vítimas pode ser generalizado em diferentes países e culturas ou se esse comportamento na infância e adolescência pode ser devido ao ambiente, à cultura ou às influências políticas dos jovens. Mesmo que alguns tenham tentado responder a essas perguntas por meio de estudos transculturais, os resultados ainda são inconclusivos. Para entender melhor este fenômeno, o presente estudo teve como objetivo determinar a prevalência de vitimização por *bullying* e possíveis associações com o contexto cultural/educacional e o sexo de crianças e adolescentes da Austrália, Brasil e Portugal.

➤ MATERIAIS E MÉTODOS

Desenho

Foi realizado um estudo transversal e transcultural de natureza exploratória e amostragem intencional em três cidades. Isso incluiu a cida-

de de Adelaide, no sul da Austrália, a cidade de Florianópolis, Santa Catarina, no sul do Brasil, e a cidade de Braga, na região do Minho, no norte de Portugal. Os dados foram coletados dos participantes nessas cidades entre os meses de novembro de 2014 e julho de 2015. Este estudo foi parte de um projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Social e Comportamental da Universidade de Flinders, processo número 6058 (Austrália), Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da UDESC 5439/2011, número 75/2011 (Brasil), e o Comitê de Ética em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho, número 010/2014 (Portugal).

Participantes and procedimentos

A seleção dos países e escolas de cada país foi intencional e a amostra de conveniência foi selecionada de acordo com aqueles que demonstraram interesse e vontade de participar da pesquisa. Assim, no estudo participaram uma escola pública e uma escola particular em Braga, uma escola pública e uma escola particular em Florianópolis e uma escola pública e três escolas particulares em Adelaide.

Com base no número total de crianças e adolescentes matriculados na 6ª série nas três cidades, foi calculado um tamanho de amostra apropriado, assumindo um alfa de 0,05 e poder de 80%. De acordo com o cálculo amostral, 292 era o número mínimo esperado de participantes. Isso foi traduzido para aproximadamente 100 alunos em cada cidade.

Antes da coleta de dados, os pais e os participantes receberam informações detalhadas sobre a pesquisa. Os alunos só participariam se tivessem demonstrado vontade de cooperar com a investigação e se tivessem um Termo de Consentimento apropriado assinado por um adulto responsável. Após a entrega dos termos de consentimento assinados, todos os participantes responderam aos questionários de autorrelato sobre sua participação no *bullying* escolar. Todos os questionários foram aplicados em sala de aula e, em cada cidade, a coleta de dados foi supervisionada por um pesquisador capaz de responder a qualquer

pergunta dos participantes. O único critério de exclusão utilizado foi o de excluir os dados dos alunos com deficiência intelectual, pois isso os impedia de entender os instrumentos, com base no depoimento do Serviço de Educação Especial nas escolas.

Variáveis

As vítimas foram categorizadas neste grupo com base na pergunta: "Quantas vezes este mês você foi intimidado por um aluno / alunos da escola?". Considerando que uma das principais características do *bullying* é a ocorrência de ações agressivas repetitivas, que o diferencia de outros tipos de violência caracterizados por atitudes agressivas ocasionais e esporádicas, neste estudo foi considerada vítima apenas aqueles que relataram ter sofrido *bullying* " três ou mais vezes ". Os participantes foram classificados em duas categorias: "não vítima" (n=340) e "vítima" (n=37).

Análise de Dados

A associação entre vitimização e outras variáveis independentes foi analisada por regressão logística. Dois modelos foram testados, um simples e um ajustado. Com a ausência de associações significativas, o modelo foi ajustado para verificar se esses resultados seriam confirmados após o ajuste. O programa estatístico SPSS, versão 20.0, foi utilizado para todas as análises e foi estabelecido um nível de significância de 5%.

> RESULTADOS

Como todas as crianças e adolescentes da 6ª série foram convidados a participar, o tamanho final da amostra totalizou 377 participantes; 113 em Portugal (84 da escola pública e 29 da escola particular), 113 no Brasil (79 da escola pública e 24 da escola particular) e 161 na Austrália (35 da escola pública e 126 das escolas particulares). Os participantes tiveram média de idade de 11,52 (DP=0,7) anos para meninos (n=178) e 11,32 (DP=0,6) anos para meninas (n=199). A média

de idade dos participantes em diferentes países foi semelhante, embora os estudantes australianos fossem um pouco mais velhos (média=11,48, DP=0,5), enquanto os brasileiros eram um pouco mais jovens (média=11,30, DP=0,8), sendo essa diferença significativa ($p=0,006$).

Em relação à rede de ensino, uma distribuição semelhante foi identificada entre Portugal e Brasil, em relação ao número de participantes em escolas públicas e privadas, sendo a maioria de escolas públicas. No entanto, na Austrália, houve maior prevalência de participantes de escolas particulares ($p<0,001$).

Em relação ao sexo dos participantes, os três países apresentaram proporções semelhantes ($p=0,910$), com um pouco mais de mulheres do que homens em todos os países (Tabela 1).

Em relação à prevalência de vitimização por *bullying*, verificou-se que o menor percentual de participação nesse fenômeno ocorreu em Portugal (6,2%), enquanto o maior percentual ocorreu no Brasil (12,6%), ficando a Austrália em uma posição intermediária (10,6%). Entretanto, não houve associação significativa entre vitimização e país de origem ($p=0,260$) (Tabela 1).

Quando analisados os dados de todos os participantes, o tipo de *bullying* mais frequente foi o *bullying* verbal (chamar nomes feios, nomear apelidos indesejados etc.), seguido pelo *bullying* físico e social (exclusão), que foram igualmente distribuídos. Espalhar boatos ou fofocar eram tipos menos comuns de *bullying*. Destaca-se que as não vítimas (aquelas que não atenderam aos critérios adotados no estudo em relação ao número de vezes que sofreram *bullying*) também relataram alguma vitimização por *bullying*, sendo o tipo verbal o tipo mais prevalente (Tabela 2).

A regressão logística, tanto na análise bruta quanto na análise ajustada, não encontrou associações significativas entre vitimização autorreferida e país de origem, rede educacional ou sexo do participante (Tabela 3).

Tabela 1. Características gerais dos estudantes da Austrália, Brasil e Portugal analisados no presente estudo.

Variáveis	Total (N=377) (SD) (anos)	Portugal (N=113) (SD) (anos)	Brasil (N=103) (SD) (anos)	Austrália (N=161) (SD) (anos)	K	p
Idade	11.42 (0.6)	11.43 (0.6)	11.30 (0.8)	11.48 (0.5)	10.173	0.006
Variáveis	Total n(%)	Portugal n(%)	Brasil n(%)	Austrália n(%)	χ²	p
Rede de Ensino						
Escola Pública	198 (52.5)	84 (74.3)	79 (76.7)	35 (21.7)	106.88	<0.001
Escola Privada	179 (47.5)	29 (25.7)	24 (23.3)	126 (78.3)		
Total	377 (100.0)	113 (30.0)	103 (27.0)	161 (43.0)		
Sexo						
Meninos	178 (47.2)	54 (47.8)	50 (48.5)	74 (46.0)	0.189	0.910
Meninas	199 (52.8)	59 (52.2)	53 (51.5)	87 (54.0)		
Total	377 (100.0)	113 (30.0)	103 (27.0)	161 (43.0)		
Bullying						
Não Vítima	340 (90.2)	106 (93.8)	90 (87.4)	144 (89.4)	2.690	0.260
Vítima	37 (9.8)	7 (6.2)	13 (12.6)	17 (10.6)		
Total	377 (100.0)	113 (30.0)	103 (27.0)	161 (43.0)		

Nota: x̄ (SD): média (desvio padrão); n: número de participantes; K: Teste Kruskal Wallis; χ²: Qui-quadrado; p: nível de significância.

Tabela 2. Prevalência de *bullying* sofrido por não vítimas e vítimas.

Variáveis	Total n (%)	Não Vítima n (%)	Vítima n (%)	χ^2	p
<i>Bullying</i> Físico					
Não	314 (83.3)	293 (86.2)	21 (56.8)	20.751	<0.001
Sim	63 (16.7)	47 (13.8)	16 (43.2)		
<i>Bullying</i> Verbal					
Não	243 (64.5)	233 (68.5)	10 (27.0)	25.087	<0.001
Sim	134 (35.5)	107 (31.5)	27 (73.0)		
Espalharam rumores ou falsas histórias sobre mim					
Não	286 (75.9)	264 (77.6)	22 (59.5)	6.028	0.015
Sim	91 (24.1)	76 (22.4)	15 (40.5)		
<i>Bullying</i> Social (exclusão)					
Não	283 (75.1)	262 (77.1)	21 (56.8)	7.348	0.008
Sim	94 (24.9)	77 (22.9)	16 (43.2)		

Nota: n: número de participantes; χ^2 : Qui-quadrado; p: nível de significância.

Tabela 3. Odds ratio usando como variável dependente "vitimização por *bullying*".

Variáveis	OR (IC95%)	p-valor	OR** (IC95%)	p-valor
País de Origem				
Austrália	1	0.271	1	0.254
Brasil	0.82 (0.38-1.76)		0,91 (0.37-2.21)	
Portugal	1.79 (0.72-4.46)		1.98 (0.72-5.44)	
Rede de Ensino				
Escola Pública	1	0.844	1	0.643
Escola Privada	1.07 (0.54-2.11)		1.21 (0.54-2.73)	
Sexo				
Meninos	1.06 (0.54-2.09)	0.871	1.06 (0.53-2.09)	0.876
Meninas	1		1	

Nota: OR: odds ratio; CI95%: intervalo de confiança 95%; ** OR ajustado.

> DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Embora não tenha havido associação significativa entre vitimização e país de origem, os resultados indicaram que a maior porcentagem de vitimização por *bullying* foi relatada por estudantes brasileiros, enquanto a menor incidência de *bullying* foi relatada por estudantes portugueses. Neste estudo, apenas 6,2% dos participantes portugueses se consideravam vítimas de *bullying*. Esse número ficou bem abaixo dos achados de Carvalhosa et al.⁴ em participantes da mesma série, e de Pereira et al.¹⁰, em participantes também da cidade de Braga e com média de idade semelhante. Nesses estudos, a prevalência de *bullying* autorreferido foi de 23,4% e 24,2%, respectivamente. No entanto, no Brasil, a prevalência de vitimização por *bullying* autorreferida foi de 12,6%, número bem acima do encontrado por Oliveira et al.¹¹, onde aproximadamente 7,2% dos participantes com idade média semelhante se consideravam vítimas frequentes de *bullying*. Provavelmente essas diferenças ocorrem porque os métodos utilizados nessas pesquisas foram diferentes. Por exemplo, em Pereira et al.¹⁰, os pesquisadores classificaram as vítimas que relataram ter sofrido *bullying* "uma ou duas vezes", enquanto neste estudo foram consideradas vítimas apenas aquelas que relataram ter sofrido *bullying* "três ou mais vezes". No entanto, são necessários mais estudos que usem os mesmos métodos para verificar esses achados.

Além disso, os dados obtidos na Austrália indicaram que 10,6% dos participantes se declararam vítimas de *bullying*. Embora esses resultados sejam inferiores aos encontrados no Brasil, os dados produzidos por Skrzypiec et al.⁷ também com crianças de Adelaide, indicaram um percentual menor, em que aproximadamente 7,9% dos participantes relataram ter sido vítimas de *bullying*. No entanto, no estudo citado, a idade média dos participantes foi de 13 anos, maior que a do presente estudo. A idade dos participantes dos estudos sobre o tema é uma variável importante ao relatar a prevalência de *bullying*. Pesquisas mostram que a incidência de *bullying* é maior nos anos iniciais do ensino médio, atingindo um pico na transição dos alunos

para o ensino médio e depois diminuem nos anos subsequentes.

Ademais, a pesquisa mostrou que a compreensão do *bullying* pelas crianças também difere com a idade. Um estudo transcultural de mais de mil estudantes de 14 países diferentes, Smith, Peterson e Schwartz¹³, revelou que a interpretação das crianças da palavra "*bullying*" era mais diferenciada entre as crianças mais velhas. Neste estudo, crianças de 14 anos discerniram facilmente diferentes formas de agressão, como agressão física, exclusão e assédio verbal, em comparação com crianças de oito anos que apenas distinguiram interações de pares agressivas e não agressivas. Essa descoberta levanta questões importantes de medição, pois não está claro se diferentes faixas etárias variam na compreensão do comportamento referido como *bullying*. No presente estudo, a forma mais prevalente de vitimização relatada pelas vítimas foi o *bullying* verbal, resultado que está de acordo com os estudos de Chang et al.¹⁴, em Taiwan, e Skrzypiec et al.⁷, na Austrália.

Por fim, não houve associações significativas entre a vitimização do *bullying* escolar com nenhuma das variáveis, país de origem e rede de ensino, bem como com o sexo dos participantes. Outra pesquisa indicou que a vitimização pode ser influenciada por variáveis em nível pessoal, como questões familiares, escolares, comunitárias ou culturais¹. Este estudo sugere que variáveis individuais podem ser mais importantes para o processo de vitimização do que influências socioculturais externas, como o país ou o tipo de escolaridade do indivíduo. Esse resultado está alinhado com um estudo de Sapouna¹⁵, que também sugeriu que as características individuais eram mais propensas a serem vinculadas ao *bullying* do que algumas características contextuais gerais.

Em relação ao sexo, um estudo de Kubwalo et al.¹⁶ também encontrou a mesma probabilidade de vitimização entre homens e mulheres. Além disso, Vervoort et al.¹⁷ constataram que ao analisar a maioria étnica, os homens eram mais vitimizados. No entanto, quando analisavam minorias étnicas, as mulheres sofreram maior vitimização. Embora alguns estudos tenham constatado que os

homens eram mais propensos a serem vítimas^{4,14}, postula-se que essas diferenças dependem do tipo de vitimização, sendo que os homens são mais propensos a sofrer *bullying* físico e as mulheres o *bullying* social¹⁸.

Alguns estudos transculturais já foram realizados sobre o tema *bullying*, a fim de entender e analisar possíveis diferenças ou semelhanças entre os perfis assumidos em diferentes países^{19,20}. Os dados produzidos estão de acordo com outros estudos, que perceberam um padrão no comportamento das pessoas envolvidas nesse fenômeno, independentemente de seu contexto cultural. Por exemplo, um estudo de Monks et al.²⁰ indicou semelhanças entre crianças em idade pré-escolar envolvidas em vitimização por *bullying* na Inglaterra, Espanha e Itália, em termos dos papéis assumidos, sexo e tipos de comportamentos agressivos usados e vivenciados por eles. Além disso, um estudo de Harel-Fisch et al.¹⁹, apontou uma relação entre aumento dos sintomas físicos e psicológicos e aumento da exposição ao *bullying* em 28 países, sugerindo que mesmo com variações nas taxas de *bullying* entre países, pode haver padrões interculturais semelhantes na relação entre assédio moral e bem-estar emocional. Assim, de acordo

com Harel-Fisch et al.¹⁹, essas semelhanças entre os países sugerem que algumas relações com o envolvimento com *bullying* podem ser de natureza universal.

Uma limitação deste estudo foi que, devido ao uso de uma amostra não probabilística, os resultados encontrados não podem ser estendidos em geral a toda a população dos três países. Portanto, destaca-se a importância de novos estudos para superar essas limitações, a fim de esclarecer o perfil das vítimas de *bullying* e as possíveis variáveis que influenciam o comportamento desses estudantes. No entanto, um dos pontos fortes deste estudo é a análise comparativa da vitimização por *bullying* entre três países de três continentes diferentes, abrangendo maior diversidade cultural. Outro ponto forte foi a coleta de dados em escolas públicas e privadas, o que possibilitou a inclusão de alunos caracterizados por status socioeconômicos variados. Além disso, os resultados indicam que a vitimização por *bullying* vai além das diferenças culturais e do sexo dos participantes. Assim, a melhoria das interações sociais pode ser usada como medida e estratégia preventiva para lidar com o *bullying*, aliada à promoção de uma cultura de não-violência nas escolas.

➤ REFERÊNCIAS

1. Olweus D. School bullying: Development and some important challenges. Annual review of clinical psychology. 2013;9:751-80.
2. Card NA, Stucky BD, Sawalani GM, Little TD. Direct and indirect aggression during childhood and adolescence: a meta-analytic review of gender differences, intercorrelations, and relations to maladjustment. Child Dev. 2008;79(5):1185-229.
3. Pronk J, Goossens FA, Olthof T, De Mey L, Willemsen AM. Children's intervention strategies in situations of victimization by bullying: social cognitions of outsiders versus defenders. J SchPsychol. 2013;51(6):669-82.
4. Carvalhosa Sd, Lima L, Matos Md. Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. AnálisePsicológica. 2001;4(19):523-37.
5. Levasseur MT, Kelvin EA, Grosskopf NA. Intersecting identities and the association between bullying and suicide attempt among new york city youths: results from the 2009 new york city youth risk behavior survey. Am J Public Health. 2013;103(6):1082-9.
6. Zequinão MA, Cardoso AA, da Silva JL, de Medeiros P, Silva MAL, Pereira B, et al. Academic performance and bullying in socially vulnerable students. Journal of Human Growth and Development. 2017;27(1):19-27.

7. Skrzypiec G, Slee P, Murray-Harvey R, Pereira B. School bullying by one or more ways: Does it matter and how do students cope? *School Psychology International*. 2011;32(3):288-311.
8. Archer J. Sex Differences in Aggression in Real-World Settings: A Meta-Analytic Review. *Review of General Psychology*. 2004;8(4):291-322.
9. Juvonen J, Graham S. Bullying in schools: the power of bullies and the plight of victims. *Annu Rev Psychol*. 2014;65:159-85.
10. Pereira B, Mendonça D, Neto C, Velente L, Smith P. Bullying in portuguese schools. *School Psychology International*. 2004;25(2):207-22.
11. Oliveira WA, Silva JL, Querino RA, Silva MAI. Experiences and perceptions of discrimination re-lated to bullying among Brazilian students. *Maltrattamento e abusoall'infanzia*. 2016;18(1):13-38.
12. Skrzypiec G, Askill-Williams H, Slee P, Rudzinski A. *International Baccalaureate Middle Years Programme: Student social-emotional well-being and school success practices*. Bethesda, MD, USA: International Baccalaureate Organization; 2014.
13. Smith PB, Peterson MF, Schwartz SH. Cultural Values, Sources of Guidance, and their Relevance to Managerial Behavior: A 47-Nation Study. *Journal of Cross-Cultural Psychology*. 2002;33:188-208.
14. Chang FC, Lee CM, Chiu CH, Hsi WY, Huang TF, Pan YC. Relationships among cyberbullying, school bullying, and mental health in Taiwanese adolescents. *J Sch Health*. 2013;83(6):454-62.
15. Sapouna M. Collective efficacy in the school context: does it help explain victimization and bullying among Greek primary and secondary school students? *J Interpers Violence*. 2010;25(10):1912-27.
16. Kubwalo H, Muula AS, Siziya S, Pasupulati S, Rudatsikira E. Prevalence and correlates of being bullied among in-school adolescents in Malawi: results from the 2009 Global School-Based Health Survey. *Malawi Med J*. 2013;25(1):12-4.
17. Vervoort MH, Scholte RH, Overbeek G. Bullying and victimization among adolescents: the role of ethnicity and ethnic composition of school class. *J Youth Adolesc*. 2010;39(1):1-11.
18. Barboza GE. The association between school exclusion, delinquency and subtypes of cyber- and F2F-victimizations: identifying and predicting risk profiles and subtypes using latent class analysis. *Child Abuse Negl*. 2015;39:109-22.
19. Harel-Fisch Y, Walsh SD, Fogel-Grinvald H, Amitai G, Pickett W, Molcho M, et al. Negative school perceptions and involvement in school bullying: a universal relationship across 40 countries. *J Adolesc*. 2011;34(4):639-52.
20. Monks CP, Palermi A, Ortega R, Costabile A. A cross-national comparison of aggressors, victims and defenders in preschools in England, Spain and Italy. *Span J Psychol*. 2011;14(1):133-44.